

O RITMO DO ENCANTAMENTO ENTRE OS INDÍGENAS DO ALTO SERTÃO DE ALAGOAS SEGUNDO A ANTROPOLOGIA DO GESTO DE MARCEL JOUSSE

JOSÉ MOISÉS DE OLIVEIRA SILVA¹

RESUMO

Neste trabalho busco apresentar alguns pontos da teoria de Marcel Jousse, em diálogo com o que compreendo pelo processo de encantamento entre os indígenas no Alto Sertão alagoano, Jiripankó, Kalankó, Katokinn, Karuazú e Koiupanká, não se tratando apenas de aspectos cosmológicos e sim suas implicações na materialidade. Com isso observamos a cosmologia em sentido ritual e a interação e organização coletiva por meio do que compreendo enquanto gesto e ritmo na teoria de Marcel Jousse. Para chegar nesse entendimento busquei utilizar a concepção do ritual enquanto forma de facilitar e viabilizar a vida, a partir de uma tríade que compõem o Praiá, os seres encantados dos Pankararu (tronco) e sua/s descendência/s (rama/s). Dessa forma, em acordo com Jousse vejo no gesto a motivação de produção e continuidade de existências desses povos, um gesto indígena e sertanejo. Esse é um estudo etnográfico e para fundamentação teórica são utilizadas transcrições de exposições orais de Jousse, também as reflexões acerca deste autor realizadas nos seminários "La vida de los Gestos" na Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM.

PALAVRAS-CHAVE

Antropologia do Gesto; Indígenas do Sertão; Cosmologia; Ritmo.

THE RHYTHM OF ENCHANTMENT AMONG THE INDIGENOUS PEOPLE OF THE ALTO SERTÃO OF ALAGOAS ACCORDING TO MARCEL JOUSSE ANTHROPOLOGY OF GESTURE

ABSTRACT

In this paper I seek to present some points of Marcel Jousse's theory, in dialogue with what I understand about the process of enchantment among the indigenous peoples of Alto Sertão Alagoas, Jiripankó, Kalankó, Katokinn, Karuazú and Koiupanká, not only dealing with cosmological aspects, but also their implications in materiality. With this we observe cosmology in a ritual sense and the interaction and collective organisation through what I understand as gesture and rhythm in Marcel Jousse's theory. To arrive at this understanding I sought to use the conception of ritual as a form of facilitating and making life possible, starting from a triad that comprises Praiá, the enchanted beings of the Pankararu (trunk) and their descendants/s (branch/s). In this way, in agreement with Jousse, I see in the gesture the motivation for the production and continuity of the existence of these peoples, an indigenous and countryside gesture. This is an ethnographic study and the transcriptions of Jousse's oral presentations are used as a theoretical basis, as well as the reflections on this author made in the seminars "La vida de los Gestos" at the Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM.

KEYWORDS

Anthropology of Gesture; Indigenous of the Sertão; Cosmology; Rhythm.

LE RYTHME D'ENCANEMENT CHEZ LES INDIGÈNES DE L'ALTO SERTÃO DE ALAGOAS SELON LE GESTE DE MARCEL JOUSSE ANTHROPOLOGIE

¹ Cientista Social pelo Instituto de Ciências Sociais-ICS da Universidade Federal de Alagoas-UFAL e Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-PPGAS/UFAL; Cursando doutorado em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia-PPGA da Universidade Federal do Pará-UFPA. E-mail: moisesoliveira.lpa@gmail.com.

RÉSUMÉ

Dans cet article, je cherche à présenter quelques points de la théorie de Marcel Jousse, en dialogue avec ce que je comprends du processus d'enchantement chez les peuples indigènes de l'Alto Sertão Alagoas, Jiripankó, Kalankó, Katokinn, Karuazú et Koiupanká, en traitant non seulement les aspects cosmologiques, mais aussi leurs implications dans la matérialité. Avec cela, nous observons la cosmologie dans un sens rituel et l'interaction et l'organisation collective à travers ce que je comprends comme le geste et le rythme dans la théorie de Marcel Jousse. Pour arriver à cette compréhension, j'ai cherché à utiliser la conception du rituel comme une forme de faciliter et de rendre la vie possible, en partant d'une triade qui comprend Praiá, les êtres enchantés du Pankararu (tronc) et leurs descendants (branche/s). De cette façon, en accord avec Jousse, je vois dans le geste la motivation de la production et de la continuité de l'existence de ces peuples, un geste indigène et paysan. Il s'agit d'une étude ethnographique et les transcriptions des présentations orales de Jousse sont utilisées comme base théorique, ainsi que les réflexions de cet auteur faites dans les séminaires "La vida de los Gestos" à l'Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM.

MOTS-CLÉS

Anthropologie du Geste; Indigène du Sertão; Cosmologie; Rythme.

EL RITMO DEL ENCANTO ENTRE LOS INDÍGENAS DEL ALTO SERTÃO DE ALAGOAS SEGÚN LA ANTROPOLOGÍA DEL GESTO DE MARCEL JOUSSE

RESUMEN

En este trabajo busco presentar algunos puntos de la teoría de Marcel Jousse, en diálogo con lo que entiendo sobre el proceso de encantamiento entre los pueblos indígenas del Alto Sertão Alagoas, Jiripankó, Kalankó, Katokinn, Karuazú y Koiupanká, no sólo tratando los aspectos cosmológicos, sino también sus implicaciones en la materialidad. Con ello observamos la cosmología en un sentido ritual y la interacción y organización colectiva a través de lo que entiendo como gesto y ritmo en la teoría de Marcel Jousse. Para llegar a esta comprensión busqué utilizar la concepción del ritual como una forma de facilitar y hacer posible la vida, partiendo de una tríada que comprende a Praiá, los seres encantados del Pankararu (tronco) y su/s descendiente/s (rama/s). De este modo, de acuerdo con Jousse, veo en el gesto la motivación para la producción y la continuidad de la existencia de estos pueblos, un gesto indígena y campesino. Se trata de un estudio etnográfico y se utilizan como base teórica las transcripciones de las presentaciones orales de Jousse, así como las reflexiones sobre este autor realizadas en los seminarios "La vida de los Gestos" en la Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM.

PALABRAS CLAVE

Antropología del gesto; Indígena del Sertão; Cosmología; Ritmo.

INTRODUÇÃO

Este texto é resultado das reflexões feitas durante a jornada de seminários acerca de “La vida de los Gestos”, tendo como objetivo “La vida cotidiana. Elementos da antropologia Jousiana”, propostos pelo professor Gabriel Luis Bourdin Rivero, no “Seminário Permanente de Antropologia do Corpo, Emoções e Gesto Expressivo” do Instituto de Investigaciones Antropológicas-IIA da Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM, no primeiro semestre de 2021. Nessa ocasião fizemos um estudo biográfico de Marcel Jousse, e suas principais teorias, que busco utilizar, especificamente a concepção de ritmo diante do que vem a ser o gesto entre os indígenas no Alto Sertão de Alagoas no Nordeste Semiárido do Brasil².

Aqui observamos os povos indígenas no estado de Alagoas de descendência Pankararú, em Pernambuco, que compartilham elementos culturais e cosmológicos, bem como sua organização de ordem política e social, e ainda o processo chamado de ressurgência que trata do reaparecimento público diante da invisibilidade étnica por parte do Estado e da sociedade civil, culminando em aparições públicas por meio de reformulação e reafirmações da performance, imagem e ritual, como gesto expressivo, distintivo e público.

Com isso, a teoria jousiana me possibilitou analisar os procedimentos rituais dos aos Jiripankó, Kalankó, Katókin, Karuzú e Koiupanká, que são povos indígenas localizados no Semiárido alagoano, especificamente na região do Alto Sertão de clima mais acentuado, caracterizada por chuvas irregulares, longas estiagens e alto índice de evapotranspiração, tendo como bioma predominante a caatinga, que fornece elementos tanto para a manutenção e continuidade da vida quanto o uso ritual dos grupos, a exemplo do Caroá (*Neoglasiovia variegata*) para as vestes rituais, o Coité (*Crescentia cujete*) para a confecção dos maracás, bem como o uso de um tanto de outras plantas sagradas.

Além de uma delimitação geográfica, a região também se constitui em aspectos políticos e culturais específicos, características do povo sertanejo. Estes povos além de compartilhar as vivências em ambiente semiárido, possuem a memória comum da ressurgência, que ao emergirem publicamente reencontram e tornam explícitos a força étnica, manifesta nos corpos e na sonoridade. Antes do processo de ressurgência as práticas culturais que dizem respeito a identidade dos indígenas no Sertão eram silenciosas e reservadas aos grupos, sendo essas populações homogêneas dentro da categoria tipificada por sertanejo.

² Sou grato ao professor Gabriel Bourdin e aos demais colegas pelas contribuições ao longo da jornada de seminários, as quais possibilitaram estas reflexões.

A chegada ao estado de Alagoas se dá com o resultado de diásporas de grupos familiares, onde uma das principais motivações foi a busca por alimento e trabalho em decorrência de secas na região onde habitavam em Pernambuco. Os relatos sobre a vinda e as justificativas para esta finalidade ouvi em diversos momentos e em especial durante meus trabalhos de campo para compor minha pesquisa no mestrado (2016-2018) protagonizados sobretudo pela fala de Seu Antônio, Pajé dos Kalankó, referência desta e das demais etnias presentes no Sertão.

Deste modo, a partir de minhas experiências entre os indígenas presentes no Alto Sertão alagoano, sem esquecer do primeiro contato durante a pesquisa de Atualização do Atlas das Terras indígenas de Alagoas e Sergipe, coordenada pelo professor Siloé Amorim, em 2012, busco agora, utilizar a teoria dos gestos de Jousse a fim de entender sobre alguns aspectos que vi e vivi em campo.

E para compreendermos a teoria de Marcel Jousse (1886–1961) antes é necessário observar alguns aspectos biográficos do autor, não apenas de sua formação acadêmica, ou ainda livresca, sendo um linguista e antropólogo de origem francesa, mas por questões definidas por ele mesmo e trazidas por Gabriel Bourdin em “La jungla antropológica” (2020), ao afirmar que cada indivíduo tem sua musculatura moldada segundo seu meio étnico, desde a infância, seja pela mimética dançada, ou ainda por sua transposição laringo-bucal, corporal e nas recitações ligeiramente ritmadas.

Tendo sua própria vida uma inspiração para compreensão do mundo e produção de sua teoria sobre gestos, Jousse conviveu na infância com pessoas que liam o mundo através de experiências sensoriais a partir do ambiente e não da escrita, o que para ele teve imenso valor, pois os camponeses que conhecia, possuíam gestos mais espontâneos, com isso cresceu observando sua própria cultura, contudo, manteve também uma formação voltada para os estudos de diversas línguas, latim, grego, armênio, alemão, entre outras, muito cedo, ainda na adolescência, aprendeu parte delas através de livros religiosos como a Torá e o Antigo Testamento hebreu, tornou-se jesuíta, e se formou em Letras defendendo uma análise sobre a conhecida porém enigmática frase do Oráculo de Delfos “Conhece-te a ti mesmo”, foi oficial de artilharia durante a Primeira Guerra Mundial e retornando aos estudos, entre estes os antropológicos, destacando Marcel Mauss entre seus professores (BOURDIN, 2016), este fato possivelmente influenciou Jousse em seus estudos sobre técnicas corporais, presente no pensamento maussiano.

Ao elaborar a sua teoria fundamentada na oralidade e no acervo de gestos que cada indivíduo traz em si, Jousse revisita sua infância em uma comunidade camponesa de tradição oral e ainda compreendendo a oralidade enquanto resultado de uma sucessão de gestos fisiológicos, motores e o laringo-bucal, sendo como parte central de sua teoria que a linguagem ainda que oral é gesto.

É por meio de sua interpretação do mundo que adentramos na formulação de sua teoria, no sentido de uma educação oral, de seu vínculo territorial e camponês, em seguida a formação escolar e religiosa (jesuítica). Sendo o autor um desses sujeitos, com um repertório de gestos provenientes de seu meio. Jousse desenvolveu algumas leis gerais, sendo elas a *antropologia do gesto* e *antropologia do mimismo*. Tornou-se um erudito não apesar de sua cultura camponesa, e sim graças a oralidade camponesa que o possibilita a partir do estudo de sua própria trajetória compreender outras formas de linguagens, inclusive a linguagem escrita. Dessa forma, Jousse é um estudioso da palavra, não só escrita, como falada e gesticulada.

É notável o desenvolvimento de sua teoria fazendo uso da própria subjetividade, para assim desenvolver leis gerais, que o torna um antropólogo universalista, de rigor metodológico e científico. Ao analisar o conceito de gesto em Jousse compreendemos mais do que percebemos comumente como algo externo e imediato meramente utilitário, sendo ele parte importante da expressão humana, de linguagem individual e coletiva, de infinitas possibilidades e interpretações, podendo ser voluntário e involuntário, essa compreensão temos quando Jousse nos apresenta o gesto de natureza fisiológica, internos a cada indivíduo que resultam no gesto externo.

De modo que, ao longo dos seminários esforcei-me em absorver as discussões trazidas pelo professor Gabriel Bourdin e colegas, ao máximo que pude, da mesma forma que as obras apresentadas, e ao longo do percurso venho encontrando alguns estudos referentes ao gesto, buscando perceber o que poderia ser interessante para complementar algumas hipóteses que venho examinando, que possam servir como orientação para meus trabalhos.

Um desses estudos é o de Câmara Cascudo, que cita Jousse em *A História dos Nossos Gestos, Uma pesquisa na mímica do Brasil* (2012), e tendo utilizado conceitos extremamente próximos aos de Jousse, como é o caso da afirmativa que “o Gesto é anterior à Palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da Voz. As áreas do Entendimento mímico são infinitamente superiores às da comunicação verbal” (CASCUDO, 2012, p. 8). Desde então, o gesto tem se expandido para diversos pontos, ao menos aqueles que minha mão enquanto pesquisador consegue alcançar.

Dessa forma busco aspectos da expressão não-verbal para compreender algo mais acerca dessas populações do Sertão alagoano, ainda que utilizemos os termos da oralidade como algo central nos estudos de Jousse. Este trabalho se dá por análise de áudios, anotações e fotografias coletados em campo, bem como a consulta bibliográfica que trata dessa temática.

Assim, de acordo com Jousse vejo no gesto a motivação de produção e continuidade de existências desses povos, um gesto indígena e sertanejo, para isso utilizo

duas importantes obras, *Estudios de psicología lingüística: El estilo rítmico y mnemotécnico entre los verbo-motores* (2020) e Gabriel Bourdin, *La jungla antropológica. Uma introducción a la antropología del gesto y el mimismo de Marcel Jousse* (2019), ainda e não menos importante a publicação de um artigo escrito também por Bourdin intitulado *Marcel Jousse y la antropología del gesto* (2016). Como fonte sobre os indígenas do Alto Sertão de Alagoas utilizo os estudos de Siloé Soares de *Os Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Katokinn: resistência e ressurgência indígena no Alto Sertão de Alagoano* (2010), por fim meus dados de campo durante a pesquisa para o Atlas das Terras indígenas de Alagoas e Sergipe (2012) e para a dissertação do mestrado (SILVA, 2018), além do acervo fotográfico que reuni durante este período. Vez ou outra, com a mesma importância também utilizo outras fontes que contribuirão para o entendimento deste trabalho alinhando junto a essas referências agora citadas.

No entanto, compreendo como algo que é indispensável para este estudo as expressões quase imperceptíveis que só apreendemos em campo, que às vezes levam anos para maturar, ou ainda ficam armazenadas na memória do pesquisador, aguardando a teoria ou método adequado para elucidar determinada situação, é o que ocorre neste caso, com o auxílio destas teorias, o que Jousse afirma que é “mais difícil observar que inventar” (BOURDIN, 2020, p. 97), dada as múltiplas possibilidades de intenções e interpretações, diferentemente da linguagem escrita que é de leitura imediata e busca a objetividade, os gestos possuem origem profunda.

O RITMO

Fiquei por dias elaborando em meus pensamentos as possibilidades práticas do ritmo no cotidiano, segundo Marcel Jousse, nesse caminho abordei amigos e fiz leituras pela ótica dessa teoria, e de forma bem fluida venho visualizando as possibilidades do gesto expressivo como algo inevitável a existência humana. Pude notar que os intervalos no som que produzem o ritmo musical e os gestos de regência, dialogam com a ampla compreensão de ritmo segundo o autor, além da ideia de ritmo fisiológico, a exemplo das batidas rítmicas do coração, que desencadeiam gestos externos e intencionais, ou ainda os tristes desarranjos, no caso a arritmia cardíaca.

Sei que essas constatações se deram de minha parte pelo contato com a Antropologia dos Gestos, em especial o pensamento de Jousse, de forma quase que imediata, igual ao “ovo de Colombo”, parecendo simples só depois de feita.

Para compreendermos como chegamos a alguns entendimentos aqui expostos, sobre gestos individuais e coletivos observemos como se formam e se organizam alguns agrupamentos humanos, e em alguns casos se desfazem depois de alcançado o objetivo

proposto. Para isso vejamos a seguinte ilustração, para então tratarmos do que nos propomos, no caso a ideia de ritmo e unidade. Desde já faço um convite para adentrarmos no universo do ritmo e da unidade e não do tempo, pois o elemento que venho descrever pode nos levar a pensar sobre formas cronométricas, mas como veremos não é o caso.

Observemos como exemplo o caso dos relógios que foram de grande importância na Segunda Guerra Mundial, que tratam de ritmo e organização conjunta, sendo considerados uma ferramenta indispensável para operações compartilhadas por distintos exércitos. A busca pela precisão iniciou uma corrida pela técnica, que originou uma grande encomenda por parte do exército britânico pouco antes da guerra, bem como a criação de departamentos para manutenção e aprimoramento do equipamento em campo, possibilitando assim que o compasso da máquina organizasse o ritmo da marcha conjunta, a unidade dos diversos.

Os “Doze Condenados”, nome dado a quantidade de empresas encarregadas da fabricação dos relógios,³ que são a maior expressão do que chamamos de relógio de pulso, de valor histórico. Com isso pude entender que a constância rítmica é pulsante, viva, dada por intervalos. Aqui não falamos em sincronia, pois segundo Jousse o que é sincrônico não é rítmico, pois não é dado por intervalos, o sincrônico é constante, contínuo (JOUSSE, 2020). A quem atribuíam aos relógios não apenas a “vitória” da segunda guerra, bem como a derrota do Nazismo pela capacidade do compasso bélico dos exércitos aliados.

Com a marcha dos exércitos não trago uma novidade, vide as técnicas do corpo de Marcel Mauss, em *Sociologia e Antropologia* (2017), sobre a intencionalidade da doutrina militar em adequar os sujeitos por meio das técnicas corporais, sendo gravadas na memória motora quase impossível de ser apagada, que facilmente identifica a qual exército ou destacamento faz parte. Mauss traça diferenças passíveis de classificação por parte de distintas coletividades, seja no nado, na marcha ou forma de cavar, a exemplo de como o exército inglês não sabia cavar com pás francesas, dada as técnicas e tecnologias desenvolvidas para atender as necessidades de cada exército.

Com isso podemos entender que mesmo pertencendo a um só exército os batalhões, pelotões e companhias, ou mesmo destacamentos, cada um segundo sua finalidade, subordinados a um único comando, o regimento, que harmoniza o ritmo resultando em um único gesto intencional, logo cada exército é um gesto de regência dos corpos. Dessa forma, mesmo com a beleza narrativa de relógios vencendo o nazismo, o que uniu os exércitos foi a unidade simbólica de um gesto conjunto, que mesmo diferentes compuseram a unidade gestual.

³ Os nomes dos relógios os “Doze Condenados”: BUREN, CYMA, ETERNA, GRANA, JLC, LEMANIA, LONGINES, IWC, OMEGA, RECORD, TIMOR e VERTEX.

O RITMO DO ENCANTAMENTO

A busca consciente pela unidade é o que nos interessa agora, no caso do ritmo étnico dos grupos indígenas no Alto Sertão alagoano, movidos pelo som dos cantos do *toré*, que é parte do seu ritual e principal performance de reconhecimento do Estado e da sociedade não indígena, o *toré* é canto e dança com objetivos diversos dentro do ritual, é ritmo e ainda mais, é genuinamente gesto, individual, coletivo relacionado ao grupo de origem, se estendendo a todos aqueles que estão ritmados pelo som e pelo gesto, a unidade. É o comando que unifica uma leitura objetiva do som do *toré*, o comando é cosmológico, do canto entoado geralmente pelo Pajé, que toca o maracá, ou outra pessoa tomada de autoridade espiritual, os "*Praia*", seres encantados, materializados, no terreiro dançam o *toré*, sendo o terreiro um espaço sagrado onde se pratica os rituais, cada uma das comunidades possui uma área reservada a esta finalidade. Em cada terreiro se forma um batalhão espiritual de "encantados", onde o que observamos materializado no terreiro é só a parte externa, resultante do gesto conjunto.

Figura 1. Ritual dos *Praia* no terreiro da Aldeia Katokinn, em Pariconha, Alagoas.



Fonte: Moisés Oliveira, 2013.

É nesse ponto que venho tratar dos indígenas no Sertão de Alagoas, buscando apresentar a unidade étnica, caracterizada pelo tronco ancestral comum, os Pankararu e por via de sua intencionalidade na condução dos gestos coletivos, da composição ritual, e a busca em estar de acordo com um gesto cósmico universal, não sendo algo aleatório a organização

de seres espirituais em forma de batalhões que trabalham dentro de cada povo, ou seja, no terreiro de cada aldeia Jiripankó, Kalankó, Katokinn, Karuazu e Koiupanká, e em determinadas situações, como em caso de lutas políticas que necessitem da ação cosmológica que se somam em trabalhos conjuntos, em um gesto étnico comum e intencional.

Esta é a base do ritmo do encantamento, é sobre os critérios necessários para se somar a unidade espiritual. O conjunto de gestos ligados a etnicidade contribui para a pessoa tornar-se apta a transformar-se em um ser encantado quando não mais existir no plano material. O ritmo do encantamento cria um canal de acesso ao mundo espiritual e o sujeito se torna um ser pleno. É também o princípio do conceito do *mimetismo*, segundo Jousse, ainda mais, a convergência do gesto de um povo.

O *mimetismo* para Jousse (2020), é a capacidade instintiva e inconsciente que uma pessoa tem de reproduzir gestos do lugar onde vive, são gestos étnicos, identitários, a matéria se conduz a assemelhar-se aos seus comuns. A partir do que Jousse explicou trago o exemplo das crianças Kalankó, que brincam de Cacique e Pajé, inúmeras vezes em minha passagem pela Aldeia Januária me deparei com os filhos do Cacique Paulo entoando cantos de toré, enquanto que balançavam a mão como quem segurava um maracá invisível, provavelmente quando criança Paulo também brincou, assim como cada pessoa que vai buscando seu lugar na aldeia, vão se tornando os puxadores de toré, lideranças religiosas ou políticas e ainda aqueles que zelam pelo Praiá, seus seres encantados.

Entre esses grupos indígenas existe a expressão “levantar um homem”, que é colocar um Praiá no terreiro, a partir da criação de uma tríade *moço, veste e encantado*. Quando os três elementos estão no terreiro e levantou-se o homem e se tem um conjunto de Praiá, é um batalhão, no entanto, a quantidade de Praiá no terreiro não significa a quantidade de encantados no *astral*, sendo este infinitamente maior, onde cada Praiá é a materialização de um encantado, para atender necessidades específicas do seu povo. Logo quando um encantado vem trabalhar no terreiro traz consigo uma quantidade de gestos e sons, no caso o seu toante (canto sagrado) que é entoado para chamá-lo ao trabalho. Como já vimos em Jousse a vocalização também é gesto.

Ao se apresentarem publicamente rompendo com a invisibilidade, emergindo socialmente com seus sons, vestimentas, pinturas corporais e toda uma forma de manifestar e em constante expansão, é que podemos notar essa distinção que se firma no *estilo oral*, viabilizados pelo maracá, a pisada do *toré* e a “puxada dos toantes”, que são os cantos que conduzem esses povos, para além das populações do Sertão, ampliando e reelaborando seu acervo de gestos.

Estes povos possuem vasto repertório de gestos e sons, ligados aos seus conhecimentos ancestrais, ainda que busquem por direitos constitucionais, como a educação

escolar que tem na escrita a principal forma de transmissão de conhecimento, por uma série de não reconhecimento dos saberes indígenas, e tendo uma relativa parcela de estudantes universitários e de profissionais de diversas áreas, esses grupos ainda primam e observam na oralidade a condução central da continuidade étnica, autoridade espiritual, política e religiosa. Quando que o Estado e uma parcela da sociedade ainda necessite priorizar o conhecimento escrito como único capaz de entender e resolver seus dilemas coletivos e pessoais.

“[...] Juzgamos a las personas por el grosor de los libros que han escrito, cuando deberíamos comprenderlas por la cantidad de realidades que han podido captar. Porque la gente que, genuinamente há descubierto algo, casi siempre lo há hecho porque dejado de lado sus libros, com el fin de hacer frente a la realidad misma”. (BOURDIN, 2020, p. 33).

A autoridade ritual é medida e testada constantemente diante da habilidade em cantar, dançar e se portar publicamente, estes critérios também se aplicam aos não indígenas quando participam em algum momento de atividades abertas, por exemplo, dançando o *toré*, realizando pinturas corporais ou utilizando objetos (colares, pulseiras, etc), demonstra a forma que se envolvem e a que grau de envolvimento se propõem. A dança ou ritual do *toré* é marcada pelo som do maracá utilizado na mão direita e pelas batidas dos pés, mais firme com o pé direito e marcada em intervalos pelo pé esquerdo, o segundo quase que deslizando para dar seguimento a próxima batida. Como nos aponta Jousse com o balanço rítmico no conceito de *bilateralismo* (BOURDIN, 2020), as oscilações rítmicas, semelhantes as correntes alternadas na condução da eletricidade, sendo o oposto da corrente continua o que seria um movimento constante, sincrônico. O ritmo necessita de intervalos.

O *toré*, além de elemento de expressão própria de cada grupo é também instrumento de verificação de pertencimento, é por meio dele que se observa a “perna manca” dos aliados, dentre aqueles que se arriscam a entrar na roda do *toré*, é ele quem alinha um batalhão de “*Praia*”, do terreiro presente e dos demais, a depender da empreitada espiritual, agindo no plano material e no astral, de forma conjunta, em um só gesto, a intencionalidade cosmológica.

O ENCANTAMENTO

Jousse nos diz que falamos com todo o corpo, por meio de microgestos, alguns fisiológicos no sentido da vocalização, outros são externos, *verbomotores*, a exemplo dos complementos que ilustram a fala ou mesmo que induzem a percepção objetiva. Ao utilizar a compreensão de Jean-François Chapolion, Jousse aponta a compreensão dos hieróglifos enquanto continuidade dos gestos, ou ainda os símbolos enquanto raízes de gestos vocais (BOURDIN, 2020). Quando se fala de Chapolion é comum encontrarmos relatos de que estudara o Egito, incluindo o Egito antigo, com tanto afinco que internalizara a linguagem de

tal modo que quando andava nas ruas do Cairo se portava como uma pessoa nascida no lugar, mesmo nunca tendo estado lá e já consagrado o maior egiptólogo de sua época, tendo inclusive atribuído sons a uma série de hieróglifos. Esse seria um exemplo de como um indivíduo pode interagir com um grupo e falar com todo o corpo, o caso dos falantes natos e inatos, de seus acervos de gestos que interagem com a linguagem falada.

Dessa forma podemos também entender que todo artefato se trata da cristalização de gestos humanos, gestos “paralisados” que ainda comunicam, dessa forma a produção material do trabalho humano é a materialização de uma sucessão de gestos individuais, onde as sociedades são o conjunto de gestos, sendo expresso nas várias manifestações desde as construções, escrita, a oralidade de políticos e artistas entre outras áreas da atividade humana.

Em campo percebi que o trabalho no sentido da manutenção da vida coletiva, em distintas manifestações, seja no sentido religioso, político ou físico/material, é critério indispensável e inegociável para o encantamento, que é o direito que se adquire de acordo com os indígenas do Alto Sertão de Alagoas, para habitar o *espaço*, *Astral*⁴, *Ajucá* ou *Juremá*, como é mais conhecido o reino dos “encantados”, o território cosmológico, é como se verifica os níveis de envolvimento. Esse processo se inicia com o indígena encarnado, na sua manifestação cotidiana. Depois de “encantado”, quando se despede do corpo físico, é como dormir aqui e acordar no astral, se dá continuidade a jornada espiritual, uma vez desperto espiritualmente pode colaborar com aqueles que habitam do lado de cá e ainda não possuem uma compreensão inteira da realidade, o trabalho continua, só que agora do lado de lá.

Neste sentido, nas vivências dessas comunidades a memória de um povo é um gesto coletivo, a humanidade é um gesto só, compreendendo que tudo que um ser humano faz durante a vida não é nada mais que o desdobramento de um único gesto cosmológico, que reverbera na materialidade por meio do corpo físico, que por sua vez resulta no gesto conjunto de vários indivíduos, que já são a continuidade do gesto de seus pais e avós, resultando em uma memória motora de um acervo de gestos, o gesto étnico, que também é memória impresso nos corpos, e que ainda assim nasce no interior de cada um. Cada ritual é a continuidade do gesto, memória é gesto.

Dessa forma, o processo de encantamento segue uma lógica, a lógica do *ritmo étnico*, segundo Jousse (2020), e é dando demonstrações físicas, corporais, objetivas e reconhecidas coletivamente, a verificação pública, pois é o corpo que manifesta a efetivação do mimismo. Pintura corporal enquanto artefato também é gesto e específico a cada povo, uma representação gráfica, as danças rituais, a participação política.

⁴ Termo identificado em trabalho de campo entre os indígenas Katokinn no ano de 2013.

Diante das reflexões propostas nos seminários nos foi apresentado que, para haver consciência se faz necessário memória, pois se temos consciência se faz necessário perguntar, consciência de quê? Se tem inteligência, inteligência em relação a quê? Penso então que a memória é pré-requisito de consciência e inteligência, portanto é através da memória étnica, que se faz consciente de si. Dado é o processo de ressurgência vivenciado por todos estes, é essa memória que os faz ressurgir da massa homogênea das populações do Sertão, com seu ritmo próprio. O gesto étnico é memória, consciência e inteligência de si, é pertencimento, tanto no mundo material quanto cosmológico, e se falamos com todo o corpo, o gesto não nega, os *verbosmotores* fundamentam o conceito de memória étnica de populações agrafes.

“El *estilo oral* es el modo de actividad comunicativa de los pueblos sin escritura, de aquellos que la modernidad occidental ha dado en llamar los “iletrados”. También es el instrumento rítmico-y por lo tanto animado, *flexible*- de la memoria individual y colectiva. Así mismo, es el saber corporeizado y *oscilante* de los pueblos *espontáneos*, un modo de conocimiento viviente, fluido, dúctil, global, “experiencial”, que sostienen y defienden hasta hoy, aunque más no sea en retirada, los hombres y los pueblos no *disociados* (la expresión es de M. Mauss). El estilo oral es la sustancia *formulaica* de la memoria colectiva, de los “saberes de la tribu”, de los *rituales* y los *mitos*. Mucho antes de ser puesto en caracteres de escritura, el estilo oral es la historia escrita en palabras y en gestos animados, em escenarios conceptuales con actuante, acciones y pasiones”. (BOURDIN, 2020 p. 30).

A SEMENTE

Diante do que foi visto, é possível compreender que o “encantado” é um ser humano, que se se encantou gradativamente, em seguida tornando-se *sememente*, semente não no sentido biológico, a *sememente do “encantado”* que é na maioria das vezes uma representação material, lítica. Assim, “a semente, metaforicamente, representa a essência do “encantado”, ou seja, o mensageiro espiritual, que se materializa em forma de semente” (AMORIM, 2010, p. 146), sendo objeto de poder espiritual e de ligação entre um ente “encantado” e um ainda encarnado. Seu Antônio, Pajé Kalankó, ainda afirma que as sementes que ficam sob a responsabilidade daqueles que a encontram, devem ser apresentadas em ritual, descobrindo assim o lugar do “encantado” na hierarquia cosmológica, verificando se este precisa de *Praiá*, no caso, a materialização em ritual: moço, veste e “encantado”, pela qual o “encantado” atua de forma visível no terreiro.

O PRAIÁ

O “Praiá” é a união de três elementos que compõem uma tríade ante o ritual, sendo (1) O moço, um jovem do sexo masculino [humano]; (2) A veste feita do caroá [vegetal]; e (3) O “encantado” [espiritual] associado a ancestralidade. O praiá é a união destes três elementos (moço, veste e “encantado”) aglutinando as categorias, animal, vegetal e

espiritual, quanto ao mineral se trata da semente, que é um elemento material onde se guarda o encantado. Algumas pessoas recebem de forma misteriosa essa semente e passam a ser zeladoras de um Praiá. Sendo contemplados assim, materialmente os reinos animal, vegetal, mineral e cosmológico, no caso o “encantado”, com isso reconhecendo a ação espiritual sobre toda a natureza. De forma simbiótica unindo as categorias de cosmologia pelo “encantado”, o ambiente material pelo caroá e a intersecção que é o humano.

Figura 2 e 3. Praiá no terreiro dos Jiripankó, durante a Festa do Cansação em 2017, na Aldeia Ouricuri, Pariconha, Alagoas.



Fonte: Moisés Oliveira, 2017.

Figura 4. Praiá nos terreiros dos Jiripankó, durante a Festa do Cansação em 2017, na Aldeia Ouricuri, Pariconha, Alagoas.



Fonte: Moisés Oliveira, 2017.

Essa composição do Praiá se dá por procedimentos rituais compostos por uma infinidade de gestos. Ainda mais a vocalização de cantos específicos para chamar cada encantado, que é elemento da memória de cada um, sendo a memória importante para medir a autoridade, tanto no sentido histórico do povo quanto na quantidade de cantos, ou mesmo na força física e resistência diante da dança ritual ou nas atividades reservadas ao grupo, autoridade na manutenção do *ritmo*, tanto na continuidade ritual/espiritual quanto material.

Para se manter o vínculo espiritual com a semente, também se compreende que nem toda *semente é encantada*, inclusive considerando a possibilidade desta deixar de ser ou representar um “encantado”, se o indígena não tiver vínculo e atividade ritual ativo, ou não trabalhar no terreiro é possível que ele perca poder e autoridade espiritual. Da mesma forma que nem todo índio se encanta, como me relatou seu Antônio Kalankó, afirmando que “se não zelar você pode dormir com uma *semente* no bolso e quando acordar ela ser só uma pedra”. De acordo com a ontologia destes grupos, nem toda pedra/rocha é *semente*, compreendendo nesse sentido que “realmente o índio é plantado, alguns morrem para sempre, dependendo da participação no ritual, outros deixam o povo, e aqueles que se encantam continuam na luta”⁵.

A semente (mineral) não é o corpo sepultado é uma rocha que de forma aleatória e misteriosa é encontrada ou encontra aquele que será seu zelador. A verificação se o lítico é portador de encanto se dar em apresentação ritual, diante do Pajé e demais autoridades religiosas.

“Así, los gestos se equiparan con la vida, y su pérdida o su olvido equivalen a la muerte: “la vida ha sido definida como la suma de las fuerzas que combaten a la muerte. Mi propia definición del antropos sería que el antropos es la suma de los gestos que luchan contra el olvido, siendo el olvido la muerte de los mimemas” (EA 10-12-1934)”. (BOURDIN, 2020, p. 41).

Jousse (2020) nos afirma que gesto é vida, que é a memória, e perder o gesto é perder a vida, ou seja, ser esquecido, dessa forma compreendo que quando se trabalha pela comunidade se luta contra a morte, se luta para não ser esquecido, sendo os gestos a soma das forças/memória contra a morte/esquecimento, e nesse caso em busca do “encantamento”, a continuidade da vida. Lembrando que, para Jousse, a memória é a base para a inteligência e consciência. Dessa forma para existir e trabalhar no terreiro é necessário ser lembrado e chamado ao trabalho.

Essa hierarquia pela autoridade está presente na cosmologia Pankararu e nos grupos resultantes de sua diáspora que se encontram no Alto Sertão alagoano, tendo os

⁵ Esses fatos foram confirmados em campo, na conversa que tive com Seu Antônio no dia 14 de abril de 2017, na cozinha de sua casa, durante os preparativos da principal festa dos Kalankó, que acontece em um sábado que equivale ao Sábado de Aleluia na liturgia da Igreja Católica.

“encantados” trânsito em rituais dentro dessa mesma cosmologia. Os indígenas do Sertão, possuem uma forma particular de ver o mundo, criando suas próprias categorias analíticas, não se limitando apenas interpretar, buscam interagir com o ritmo cósmico, podendo ser o gesto dentro do terreiro, do moço ou do “encantado”, evidenciando o trânsito cosmológico e a cooperação para a resolução de questões materiais, até mesmo no sentido das decisões políticas.

No que diz respeito ao ser humano que zela o “encantado” a partir da semente, completando a ligação cosmológica, zelar representa uma série de procedimentos rituais e obrigações corporais, envolvendo banhos em dias específicos, restrições proibitórias de cunho sexual e alimentar e defumação das vestes acompanhadas do “canto de toantes” que são um conjunto de sons específicos a cada “encanto”, e a “semente”, que se trata de uma das analogias ontológicas com a árvore.

A ÁRVORE

Os indígenas do Alto Sertão de Alagoas se apresentam e são reconhecidos enquanto “rama” Pankararú, por serem resultantes de uma diáspora. Os Pankararú também se encontram no Semiárido, no estado vizinho, Pernambuco. “Rama” por conta do sentido fisiológico vegetal de raízes que alimentam o tronco, e do tronco que alimenta os galhos (ramas), em que estes grupos se fundamentam para constituir sua explicação genealógica e análoga às plantas (árvore).

Seguindo a lógica verdadeiramente de uma árvore, vegetal, que vai do mais velho, “tronco”, ao mais novo, “rama” ou “ponta de rama”, onde seu fundamento e força se encontram na ancestralidade, sabendo que a força dos mais jovens está vinculada ao tronco, enquanto fonte e estrutura, em uma árvore, que para as folhas mais jovens estarem vivas a raiz mais antiga deve estar viva. Assim, se acredita que seja a metáfora da árvore, compreendendo o mesmo campo cosmológico, em que a fisiologia vegetal ilustraria a unidades de distintos grupos como parte de um só organismo, e até mesmo as tensões entre estes mostram uma vida sistêmica, da unidade da planta, a vida presente nas relações reais e cotidiana, de uma árvore viva, onde ser “rama” não significa ser secundário, é ser continuidade, um gesto étnico, constante.

A explicação da existência de um determinado grupo étnico, com base em uma genealogia que se explica desde a semente até o último galho de uma árvore, não apenas a “rama”, mas, a “ponta da rama” e sua resignificação, são elementos que servem como fundamento legitimador dessa existência, igualmente abrigando e criando laços, entre grupos em uma mesma lógica, dando continuidade às relações de parentesco. Dessa forma, é tida como uma “rama”, os Jiripankó, Kalankó, Katokinn, Karuazú e Koiupanká, que são

diversas ramas (gerações) no “chão” do Sertão alagoano, considerando uma chegada vindos do Brejo dos Padres em Tacaratu, Pernambuco.

Essa interpretação é comum entre estes grupos que reconhecem uns aos outros enquanto “rama”, e os Pankararu enquanto “tronco”, da mesma forma que são por este reconhecidos, estabelecendo uma relação de parentesco entre estes que tiveram origem nas famílias que migraram do aldeamento do Brejo dos Padres. Esse reconhecimento se dá pela memória, conseqüentemente inteligência e consciência de um gesto coletivo.

Percebendo a forma como o mundo é interpretado, mais especificamente, de como os elementos vegetais e minerais estão presentes, partindo da compreensão de natureza e cultura como construções, procuramos compreender como esses grupos concebem algumas espécies vegetais. A exemplo da fala de seu Antônio sobre o Caroá.

Essa planta nativa aqui, que está quase extinta na região pra nós tem um grande valor, é com que nós faz nossas vestes (se referindo ao caroá). É com essa planta aqui... Conforme você já tem um conhecimento... Tá lembrado que nós conversamos ontem à noite? Isso aqui, depois dele preparado pra nós fazer nossas vestes, não é de acordo, com todo respeito com as mulheres que estão aqui, nem as indígenas eu aconselho andar pegando, colocando a mão em cima, as vestes depois de preparado, guardado, que você põe ali num canto. Eu não autorizo mulher nenhuma entrar no lugar onde veste. Então isso pra nós é um grande, além da batata dele ser medicinal, o sumo serve pra verme. Agora pra o branco eu não sei pra que serve, a não ser pra fazer uma corda, pra amarrar um coxo, pra costurar saco. Pra nós, todo recurso nosso tá aqui, apenas, tá extinto na região. Depois dele pronto, é onde está toda nossa riqueza indígena, nossos segredos da natureza, está nisso aí. Agora o branco eu tenho conhecimento, a não ser pra queimam, dar os animais deles, a não ser pra fazer um barbante e costurar saco, fazer uma corda. Agora pra nós tem outras utilidades. (PAJÉ ANTÔNIO KALANKÓ, Lajeiro do Couro, 07 de outubro 2016).

É notável a compreensão não apenas da força, mas da vida que habita em determinadas plantas, até aqui o que predomina é o caroá, para as vestes dos “Praiá”, como um ser embalsamado, segundo o Pajé Kalankó, e a reverência a planta, “*quem me respeita, tem que respeitar isso aqui*”, se referindo ao “poró”, que é o lugar reservado aos homens para práticas rituais, onde se guardam as vestes.

Outro elemento de singular importância é o terreiro, sendo um ambiente ritual, de cuidados ou responsabilidades coletivas, bem como sua perda ou conquista de “poder”, representada pelos seres “encantados”, com um “dono” específico, porém junto aos outros “encantados” de responsabilidade do grupo, podendo ir habitar em outro terreiro, ou seja, migrar para outro grupo, mesmo que dentro da mesma representação simbólica. A isto me refiro enquanto território cosmológico, o Ajucá ou Juremá. O terreiro é o ponto de ligação do mundo material com o mundo “encantado”, o “espaço”, sendo aberto e fechado ritualisticamente.

Esta forma de se relacionar e interagir com as espécies vegetais da caatinga, e a incorporação desta como um “território cosmológico”⁶, possui representação material no terreiro, local de culto e atividades rituais e religiosas, apresentando elementos de conexão ritual entre os grupos de que partilham a mesma cosmologia, inclusive abrigando “encantados” dispersos de outros grupos sendo “Tronco” e “Rama”, como podemos ver:

“Os KKKK⁷ consideram o terreiro como um espaço que possui um conjunto de forças, sintetizadas no terreiro através dos encantados. Para as “ramas” ou “ponta de rama” Pankararu, os encantados são “irmãos”, são unidos: “o povo briga, o encantado não”. Se não tiver respeito e zelo, “eles vão procurar outro dono”. A semente é encantada, ela pode “cair na sua mão de forma inesperada, se a aldeia não zelar, os encantados vão procurar outro povo”. (AMORIM, 2010, p. 91).

Também podemos notar a relação estreita com o antigo aldeamento de Brejo dos Padres, que é território sagrado tanto para os Pankararu quanto para suas ramas, território este que se mostra enquanto território tradicional, ancestral, geográfico e cosmológico, tendo em vista que essas delimitações políticas, sociais e cosmológicas estão presentes nas dimensões material e espiritual.

Dessa forma, aponto para essa relação entre uma pessoa que é plantada, se encanta em uma “semente”, é zelada e assume seu lugar no panteão do grupo. A semente material se torna um ponto de referência ao encantado que olha de lá para cá encontrando os caminhos até o local de “trabalho”, o terreiro. Apesar de dedicarmos maior atenção as pessoas que são plantadas, existem aqueles que não atendem aos critérios do “encantamento”, como vimos, são simplesmente enterrados/esquecidos, por não ter “atendido” ao mimetismo do grupo, contudo sua identidade lhe é assegurada, porém o encantamento é relativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim espero ter cumprido com o proposto, em apontar para uma compreensão de ritmo e encantamento, a partir da abordagem na perspectiva teórica de Marcel Jousse. Ontologicamente, o povo se constitui como *árvore*, genealogicamente falando, parte destes se transformam em *sementes*, concluindo essa transformação depois de *plantados*, sendo estes seres agentes em trânsito constante, no tempo e espaço, passando por todos os terreiros, independente das diferenças humanas. Portanto, se o “encantado” é um índio velho que se encantou diante da quantidade de gestos dedicados a

⁶ Siloé Amorim (2010, p. 170) afirma que a “A abertura dos terreiros, que exige a demarcação de um “pedaço de terra”, para a chegada e expressão dos encantados se transformam em um território destinado aos próprios encantados ou “índios velhos que se encantaram” e voltam como guias das lideranças espirituais e políticas (Pajés, Mestres e Caciques)”.

⁷ Kalankó, Karuazú, Koiupanká e Katokinn.

seu povo, logo, não morreu transformou-se, habitando em outro território, agora cosmológico, venceu o esquecimento e seu gesto integra a memória de seu povo.

Dessa forma a ideia de árvore, do troco para a rama e posteriormente, semente a ser plantada, é alimentada pela memória e é na raiz onde se busca a memória, que segundo Jousse é inteligência e consciência da unidade expressa na ideia de árvore. Ainda que cada grupo possua individualidade e autonomia quando necessário integram um mesmo povo de gesto convergente, somando pessoas e constituindo um batalhão espiritual.

Essa interação molda o acervo de gestos de cada indivíduo e é por esse vínculo que se verifica a identidade, pelo conceito do mimismo elaborado por Jousse. Portanto, o *ritmo* nasce no íntimo de cada sujeito, primeiro de forma fisiológica, no trabalho do organismo, no batimento do coração, no insuflar dos pulmões, na circulação do sangue, nos neurônios, nos músculos, nos tendões, na verbalização de dentro para fora, construindo e recobrando memórias.

Possivelmente “encantar-se” seja recobrar por meio de um olhar para dentro de si, a busca do gesto primeiro e quanto mais se busca mais se movimenta, e nesse caminho se encontra, a religião, a política, a saúde, a educação, terra, território, o direito à vida, o direito a memória de saber quem realmente é, recordando de Jousse quando obteve seu título de Licenciatura em Literatura Clássica, defendendo uma tese onde examina a frase “Conhece-te a ti mesmo”, do Oráculo de Delfos, que nos impulsiona a compreensão de nós mesmos para então buscarmos compreender o mundo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Síloé Soares de. **Os Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Katonkinn: resistência e ressurgência indígena no Alto Sertão de Alagoano**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2010.

BOURDIN, Gabriel Luis. Marcel Jousse y la antropología del gesto. **Pelícano**, v. 2, p. 69-81, 2016.

BOURDIN, Gabriel L. **La jungla antropológica**. Uma introducción a la antropologia del gesto y el mimismo de Marcel Jousse. Universidad Nacional Autónoma de México. Ciudad de México: Instituto de investigaciones Antropológicas, 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História dos nossos gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil**. São Paulo, Global, 2012.

JOUSSE, Marcell. **Estudios de psicología lingüística: El estilo rítmico y mnemotécnico entre los verbomotores**. Universidad Nacional Autónoma de México. Ciudad de México: Instituto de investigaciones Antropológicas, 2020.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu, 2017.

SILVA, José Moisés de Oliveira. **Os Kalankó**: memória da seca e técnicas de convivência com o Semiárido no Alto Sertão Alagoano. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

Recebido em 29 de junho de 2021.

Aprovado em 03 de abril de 2022.